



A TERRITORIALIDADE DA CULTURA CAIPIRA ATRAVÉS DA FESTA DE SANTOS REIS NO BAIRRO DOS CAMARGOS, JUQUITIBA-SP¹

Denise de Camargo Marcelino ²
Neusa de Fátima Mariano ³

RESUMO

A cultura caipira se desenvolveu no meio rural, tendo sido difundida no século XIX no Estado de São Paulo. Ainda que a expansão da urbanização seja decisiva para a alteração das relações no mundo rural, busca-se compreender uma possível coexistência de temporalidades na atualidade, promovendo a manutenção de alguns traços da cultura caipira que resistem através da territorialidade do bairro rural. Para tanto, utilizamos do método progressivo-regressivo a fim de pontuar as continuidades históricas e as contradições representadas na construção de territorialidades simbólicas que refletem diferentes apropriações do espaço. A interação da comunidade na vida de bairro permite sustentar práticas culturais resistentes nas manifestações do catolicismo popular como a Festa de Santos Reis que, ao invés de estar em fins de dissolução, resiste e se adapta associando novos elementos da vida urbana para a sua continuidade, em um processo de apropriação do espaço renovando a dimensão simbólica do espaço vivido.

Palavras-chave: Bairro rural, Territorialidades, Cultura popular, Festa de Santos Reis.

RESUMEN

La cultura caipira se desarrolló en el mundo rural, habiendo sido difundida en el siglo XIX en el Estado de São Paulo. Si bien la expansión de la urbanización fue decisiva para cambiar las relaciones en el mundo rural, busca comprender la posible coexistencia de temporalidades hasta el día de hoy, promoviendo que se mantengan algunos rasgos de la cultura caipira, los cuales persisten a través de la territorialidad del barrio rural. Por tanto, utilizamos el método progresivo-regresivo para señalar las continuidades y contradicciones históricas representadas en la construcción de territorialidades simbólicas que reflejan diferentes apropiaciones del espacio. La interacción de la comunidad en la vida del barrio permite sostener prácticas culturales resistentes en las manifestaciones del catolicismo popular, como lo es la Fiesta de los Reyes Magos, que, en lugar de estar al final de su desaparición, se resiste y se adapta asociando nuevos elementos de la vida urbana a su continuidad, en un proceso de apropiación del espacio, renovando la dimensión simbólica del espacio vivido.

Palabras clave: Barrio rural, Territorialidades, Cultura popular, Fiesta de los Reyes Magos.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, denisedcmarcelino@gmail.com;

³ Professora Doutora do curso de Licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, neusa@ufscar.br.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa trazer resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UFSCar, cuja temática está envolta na compreensão da produção espacial através das manifestações culturais populares, tendo como ponto de partida a Festa de Santos Reis realizada no bairro dos Camargos em Juquitiba-SP. Assim como o bairro rural foi palco de inúmeras atividades vinculadas à cultura caipira no século anterior como festas e romarias vinculadas ao catolicismo popular, hoje, a estrutura sociocultural do bairro proporciona a continuidade de algumas características dessa cultura.

O advento da globalização e da expansão do modo de vida urbano influenciaram diretamente a interação socioeconômica no bairro rural pautada em relações próximas, de parentesco e sentimento de localidade, vinculadas à cultura caipira. Esse processo trouxe alterações sensíveis nas esferas do trabalho, do lazer e das noções de pertencimento e identidade, reduzindo significativamente a frequência de antigas tradições culturais.

No entanto, é possível identificar algumas permanências diante de uma urbanização incompleta e no caráter seletivo da globalização. A incapacidade de abarcar todas as esferas da vida, deixa brechas em que diferentes temporalidades se manifestam no espaço e que se interpenetram, se transformam e se adaptam para que seja possível dar continuidade a elementos no seu universo cultural. A condição socioespacial na vida de bairro e da territorialidade associada a ela favorece a manutenção de práticas culturais que se renovam em particularidades irredutíveis no interior do bairro rural.

O município de Juquitiba-SP está localizado no extremo oeste da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), como também integra o Vale do Ribeira no Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e Litoral Sul (CBH-RB). Juquitiba se destaca por ser uma área de proteção ambiental reduzindo significativamente a expansão da urbanização densa, revelando uma tendência a permanência de ruralidades. Petrone (1995) aponta que na segunda metade do século XIX, Juquitiba fazia parte do chamado cinturão caipira⁴, revelando atualmente, algumas heranças desse período em termos de inclusão econômica regional.

⁴ O cinturão caipira abrangia uma área ao redor da cidade de São Paulo, envolvendo núcleos rurais formados a partir do estabelecimento da população de ascendência indígena vinda dos aldeamentos indígenas do século XVII. Parte dos núcleos rurais do cinturão caipira foram integrados à economia regional através da implantação de sistemas de transporte, deixando outros relativamente isolados compondo áreas de sertão, como no caso do município de Juquitiba.



Considerando a inserção do município de Juquitiba em leis de proteção ambiental e da baixa densidade de urbanização, temos um município predominantemente rural de áreas verdes naturais protegidas, cuja estrutura socioespacial permite a presença de um patrimônio cultural imaterial através das manifestações do catolicismo popular, frequentemente suscitadas pelas comunidades rurais do município.

Logo, podemos destacar uma prática cultural lúdico-religiosa ainda presente nos dias atuais que se perpetua anualmente como momento de encontro entre as comunidades dos bairros rurais, com a Festa de Santos Reis. O catolicismo popular, caracterizado pelas festividades religiosas realizadas de forma espontânea e ativa pelo povo, pode ser identificado como um elemento resistente de relações sociais originárias na cultura caipira.

O processo de urbanização e modernização das atividades econômicas reduziu, mas não suprimiu as práticas tradicionais no bairro rural, ainda que a queda da pressão demográfica seja esperada para áreas ambientalmente protegidas. A chegada de veranistas, por exemplo, proporcionou a possibilidade de permanência através da empregabilidade associada a serviços doméstico, de zeladoria (caseiro), de construção e agrícolas.

Nesse sentido, se faz necessário apreender as diferentes temporalidades que compõem a produção do espaço em suas diferentes apropriações, como em seu aspecto político-cultural. É preciso colocar em foco a dimensão simbólica desses espaços, a partir da memória e de pertencimento contidos na história do bairro dos Camargos para compreender como os sujeitos estão reproduzindo suas territorialidades.

Nos procedimentos da investigação, realizamos uma vasta pesquisa acerca da literatura sobre o mundo rural e a expansão urbana, a cultura caipira e os estudos de caso que envolveram o município de Juquitiba e o recorte do bairro rural. Utilizamos a análise de dados quantitativos referente à dinâmica populacional como a migração, ocupação e o rendimento, a sua especificidade socioespacial.

Lançamos mão do método regressivo-progressivo de Lefebvre (1978), tomando como ponto de partida a realidade tal como se apresenta para, posteriormente buscar a historicidade do bairro. Uma vez retornado ao presente, torna-se possível pontuar as resistências e/ou permanências considerando a dialética entre a lógica da produção do espaço urbano e o mundo rural.

Com a delimitação do recorte espacial, foram realizados trabalhos de campo durante os anos de 2017 a 2020, com a observação da Festa de Santos Reis, seguida de entrevista semiestruturada com festeiros e moradores do bairro.



O BAIRRO E AS RURALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Estudos realizados acerca do mundo rural como o de Candido (2010) e especialmente realizados no município de Juquitiba tais como os de Queiroz (1973) e Fukui (1979) trazem considerações importantes sobre o seu desenvolvimento mediante a influência da urbanização e reprodução socioespacial. Candido (2010) aponta para um processo de adaptação da população tradicional aos elementos modernizadores em seu modo de vida, assumindo novos sistemas de funcionamento ou os recusando, promovendo a continuidade de elementos irredutíveis de seu universo cultural.

Queiroz (1973) retrata os bairros rurais e a permanência de seus aspectos simbólico-culturais, pois mesmo diante das mudanças suscitadas pela inserção econômica em outras atividades distintas daquelas dos sítios, a cultura caipira mantinha-se se reproduzindo pela população organizada em bairros rurais.

Posteriormente, Fukui (1979) ao pesquisar o município de Juquitiba, destaca a formação de bairros rurais com base no parentesco, favorecendo as complementariedades e fortalecendo a continuidade das reuniões entre os moradores. Reuniões marcadas, sobretudo, pelas manifestações do catolicismo popular, como na Festa de Santos Reis, a dança de Santa Cruz, o dia de São João, entre outras organizações festivas religiosas ou não.

Considerando a historicidade e a permanência de ruralidades em Juquitiba, encontramos uma dinâmica de revalorização da natureza e avanço da urbanização representado pelo setor terciário, sobretudo pelo turismo, modificando o tempo de trabalho, de lazer e das relações sociais e, sobretudo, a lógica do funcionamento do espaço. Contudo, a especificidade socioespacial com baixa expansão urbana em termos de infraestrutura e integração regional econômica com a RMSP, possibilita a permanência de outras formas de apropriação do espaço, nos diversos ritmos de tempos contidos na sociedade (LEFEBVRE, 2006). Ou seja, permite que sejam constituídas outras territorialidades, pautadas em diferentes temporalidades (MARTINS, 2011).

A heterogeneidade do desenvolvimento dos lugares mediante a evolução diferencial da sociedade e da seletividade espacial da globalização, e mesmo de aparatos urbanos, caracteriza uma urbanização que se espalha sobre uma predominante ruralidade. Tratamos de um meio rural que se insere na lógica de produção do espaço urbano alterando usos do espaço.

O conceito de territorialidade em Haesbaert (2010) aufere a dimensão simbólica de criação de espacialidades e da importância do significado simbólico-cultural para os grupos que se territorializam, sendo o território constituição importante no processo de formação da



identidade e da noção de pertencimento a um espaço. O aspecto cultural se destaca como um produtor de espacialidade contra hegemônico e revela as disputas pela apropriação do espaço.

As manifestações culturais se adaptam ao contexto social. Apesar de evidente a redução da frequência e do tempo dedicado às festividades, estas se mantêm pela organização dos atores sociais. Há permanência de outras temporalidades que refletem uma apropriação territorial pelo seu valor de uso considerando a funcionalidade dos lugares. A ascensão do processo de globalização, em que pese a constituição do espaço técnico-burocrático, não suprime o aspecto simbólico cultural que permeia a constituição da vida como um todo, avultando, assim, uma diversidade de tempos-espacos coexistindo.

Seabra (2003) pontua que mediante o processo de urbanização, o bairro desponta como uma espacialidade que possui um tempo próprio e permite o sentimento de pertencimento, fortalecendo a vivência de outras sociabilidades. O bairro rural se coloca, portanto, como um potencial de revitalização das sociabilidades e de elementos encontrados na cultura caipira como o auxílio mútuo, momentos de reunião e o sentimento de pertencimento.

A FESTA DE SANTOS REIS: COESÃO SOCIAL ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE

O bairro rural dos Camargos está em contato com o centro urbano do município de Juquitiba-SP, cuja formação histórica remonta aos antigos núcleos caipiras no século XIX, provenientes dos aldeamentos indígenas do século XVII no Estado de São Paulo. Com a sua inserção na Lei Estadual 898/75 referente à área de proteção de mananciais de interesse para o abastecimento público e na Lei Estadual 1.172/76 que dispõe normativas de restrição do uso do solo em áreas de interesse ambiental, a expansão da urbanização em infraestrutura técnica e nos modos de vida se estabeleceu de forma gradual, predominando atividades econômicas propriamente rurais.

Ao registrar a expansão urbana para o município de Juquitiba, e, principalmente, sobre as mudanças do meio rural nas interações entre os bairros em um contexto regional na década de 70, Queiroz (1973) menciona a passagem de um regime de trabalho em parceria para o trabalho assalariado, representando uma quebra das antigas relações econômicas que fundamentaram a configuração do bairro rural. Para a autora, os bairros rurais passaram a se definir, a partir de então, por uma coesão no interior do bairro, ultrapassando os limites administrativos, sendo definido por seu contexto social.

Fukui (1979) na mesma perspectiva de estudo sobre o município de Juquitiba, se debruça sobre as relações de parentesco entre sítiantes, identificando-as como um elemento



decisivo na coesão grupal por meio das relações vicinais. Portanto, já em meados da década de 1980, há mudança de uma economia de subsistência para uma com maior integração regional no processo de urbanização impactando a unidade do bairro no seu aspecto econômico, mas mantendo bairros com base familiar.

Dentre as qualidades que constituíram o bairro rural e que auferem essa caracterização nos dias de hoje, para além do sentimento de pertencimento e das práticas de auxílio mútuo entre familiares, está presente também a religiosidade como um importante fator de coesão social: “Os cultos religiosos são vividos intensamente no bairro rural, sendo que cada um possui a sua igreja ou capela. [...] as comemorações do dia do padroeiro que promovem o encontro, sejam no momento da festa, seja no momento da sua organização” (MARIANO, 2001, p. 40).

A constituição de bairros na região foi marcada pela construção de uma capela, cuja evolução trouxe a igreja como um ponto de encontro por intermédio da religiosidade. A religiosidade se estende nos dias atuais tanto nas excursões realizadas para fora do município para o pagamento de promessas, como na contribuição entre os moradores para a manutenção da Festa de Santos Reis, realizada anualmente na igreja do bairro.

A Festa de Santos Reis no bairro dos Camargos é realizada no mês de janeiro ao final da tarde de sábado para que todos que trabalham possam participar, sendo comandada por um portador do mastro que é um morador que sedia a festa, junto dos músicos e foliões, como também há participantes dos bairros adjacentes que contribuem com a sua realização. Vale mencionar que é comum os festeiros participarem das festividades em outros bairros, expandindo a sua rede de abrangência e de influência.

O grupo de músicos junto dos foliões ou “palhaços” como são comumente chamados pela comunidade, percorrem o interior da casa dos festeiros do ano, abençoando-a. Nessa ocasião, os presentes fazem suas doações que serão utilizadas para o banquete que será oferecido ao final de todo o ritual. No bairro dos Camargos e adjacentes em que ocorrem a Festa, não há uma formalização ou registro de uma companhia de Santos Reis, mas sim uma organização interna acordada entre os moradores do bairro que tomam a frente do ritual a ser seguido e das suas músicas.

O percurso no dia da festa se inicia no bairro dos Ritas, saindo da igreja de Santo Antônio e segue em direção à igreja São Judas Tadeu, no bairro dos Camargos. A festa é composta por um ritual que se inicia na igreja com a reza e o cântico *25 de dezembro*, e segue a procissão com as crianças levando a bandeira na frente e, depois os foliões, os músicos e os devotos. Posteriormente, a procissão é composta por uma carreata que segue lentamente o ritmo dos foliões que vão a pé. Chegando na igreja de São Judas Tadeu, dá-se início à dança dos



foliões, com uma música cuja letra faz menção ao nascimento de Jesus e à chegada dos Reis Magos, pedidos de bênção aos festeiros e uma homenagem aos falecidos do bairro, que outrora fizeram parte das festividades.

Depois de levantado o mastro na parte externa da igreja e após os foliões simbolicamente cortarem as fitas e as atravessarem para entrar na igreja, os festeiros tocam a bandeira com as mãos e com o rosto enquanto entram em reza para dar continuidade ao rito. Os mais velhos conduzem o terço para, em seguida acontecer a coroação dos festeiros para o próximo ano. As coroas são confeccionadas por cada festeiro e trocadas durante a coroação (Figura 1), devendo o casal de festeiros escolhidos contribuir para a organização da festa, financeiramente e/ou com a mão-de-obra.



Figura 1 – Momento da coroação dos festeiros do ano seguinte. MARCELINO, Denise C., 2020.

Terminada a coroação, é realizado um banquete entre todos os participantes para o encerramento. O momento do encontro se faz antes do dia da festa, iniciando em dezembro com as visitas às casas dos festeiros do ano anterior, no envio dos convites e das mensagens trocadas uns com os outros marcando a hora para a visita as casas e para oferecer carona no dia da procissão. Portanto, a festa não se resume a um dia, sendo necessária a organização entre os moradores do bairro antes e posteriormente à festividade.

O compromisso assumido durante a festa garante para o ano seguinte a continuidade da Festa de Santos Reis. Assim como os mais velhos ficam responsáveis pela arrecadação de



fundos para o banquete, pelas músicas e pela reza, os mais jovens participam como festeiros, na confecção de coroas, no carregamento da bandeira e na dança dos foliões.

A Festa de Santos Reis é realizada anualmente no bairro dos Camargos, cujas práticas foram sendo adaptadas aos novos moldes representacionais, na manutenção de recursos que se fazem essenciais para a continuidade dos mínimos sociais para uma cultura, associando gêneros tradicionais e modernos à festa. Desse mínimo social (CANDIDO, 2010) para a constituição de um bairro rural, também destacamos as transformações em alterações e permanências no meio rural.

REPRODUÇÃO DE TERRITORIALIDADES DA CULTURA CAIPIRA NO BAIRRO RURAL

Padilha (2009) ao analisar o município de Leme-SP, retrata as novas territorialidades presentes no bairro rural perante a mudança de estrutura econômica como a atividade de subsistência, para destacar a permanência de traços de uma civilização tradicional mediante o aspecto cultural. Sendo assim, o bairro rural ainda pode ser encontrado em uma estrutura constituída pela sociabilidade, pelo auxílio mútuo e nos ritmos de dispersão e reunião para as práticas religiosas.

[...] podemos ver fatores de preservação cultural, que são ao mesmo tempo fatores de preservação grupal, na medida em que permitem aos grupos rurais de vizinhança – agrupamentos de sitiantes ou de parceiros – resistirem, enquanto estrutura, ao impacto da mudança causada pela urbanização. Neste sentido, funcionam como regulador da mudança, permitindo tender àquele ritmo satisfatório em que ela encontra melhores condições para se processar, podendo ser considerados verdadeiros mecanismos de sobrevivência social e cultural. (CANDIDO, 2010, p. 243).

A organização social do grupo renova a dinâmica de sociabilidades que permeiam a cultura caipira. As territorialidades da cultura popular refletem o usufruto social do espaço na medida em que há um constante processo de desterritorialização frente à expansão urbana em termos de normativas conservacionistas de exclusão econômica de habitantes desses espaços, enquanto empresas de turismo e do mercado imobiliário encontram um meio rentável na dispersão da população em busca de empregos assalariados para fora do município.

Um dos conflitos apontados na obra de Bosi (2003), diz respeito à valorização dos bairros por meio das imobiliárias, que “arranca” seus moradores para outros lugares, fragmentando assim, o contato e a disseminação dos ideais de comunidade. Podemos citar novamente a baixa



densidade de urbanização e, conseqüentemente, de ofertas de emprego no município de Juquitiba gerando dispersão da população, o que leva a uma redução do tempo para o lazer e da vivência em comunidade.

Frente a essa redução de tempo hábil para o lazer, é possível afirmar que a Festa de Santos Reis teve que se adaptar às condições de seus moradores, com a mudança de horário para o final da tarde que, embora ocorra em um sábado, é um dia útil para os moradores com empregos formais assalariados, ou mesmo moradores caseiros dos sítios da região. Nestes termos, uma dialética evidencia o processo de alterações e permanências das práticas culturais: ao passo em que o cotidiano está em profunda mudança restringindo o tempo disponível para o lazer e para as atividades lúdico-religiosas, há uma produção de resistências que visam assegurar a manutenção dessas heranças culturais, favorecidas pela territorialidade do bairro rural.

Em um movimento contraditório, há de um lado a mercantilização de um espaço em termos de restrição do uso e de infraestruturas urbanas, resultando em um processo de desterritorialização; por outro lado, encontramos formas de resistências de práticas espaciais, através do sentimento de pertencimento da vida de bairro, de comunhão social e trocas, seja em momentos de festa ou no cotidiano, ou mesmo de prestação de auxílio entre membros da mesma comunidade. (MARCELINO, 2020, p. 97).

As alterações advindas com o processo de modernização, através do avanço da tecnologia como a adesão do carro para a procissão, o uso do celular para marcar o encontro, registrar o momento da festa e a divulgar, representam recursos adquiridos que convergem e atuam como propulsores da conservação desse modo de vida e das expressões culturais como a Festa de Santos Reis. A tradicional festividade como conhecida no mundo caipira se perde para viabilizar e inserir as mudanças no interior do seu universo simbólico-cultural mantendo sua essência.

Segundo Claval (2007), as práticas culturais não se restringem a heranças de um passado distante, mas se projetam no futuro mediante as aspirações dos sujeitos para a criação de “outros lugares”, buscando o sentido quanto ao espaço vivido no simbolismo e no imaginário. A religiosidade apresenta-se assim, no caráter renovador da festa que envolve diferentes gerações em uma contínua celebração, resignificando sua organização e repassando o culto às suas “tradições” para as futuras gerações.

Nesse sentido, as manifestações da cultura popular não se encerram em si, mas apontam para o futuro na medida em que expressa os anseios da comunidade e figura um domínio sobre determinado espaço na apropriação e criação de territorialidades simbólicas, perante a fragmentação do espaço e das racionalidades que se articulam na desvinculação dos sujeitos do



seu sítio de origem, “[...] a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 54).

Temos, portanto, uma tendência a alterações das representações de tempo espaço na quebra de antigas práticas culturais que se tornam inviáveis na economia capitalista, devido ao rompimento com relações sociais anteriores. Isso se dá na medida em que se configuram novas racionalidades e centralidades de gestão do espaço, e ainda assim, dialeticamente, as diferentes temporalidades marcadas pelo espaço simbólico-cultural persistem entre aqueles que revivem as práticas tradicionais: “Onde parece haver uma uniformização crescente e irreversível, podemos estar diante, também, de uma crescente diferenciação de formas culturais de vida [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 36-37).

A permanência da estrutura espacial dos bairros rurais garante a continuidade de expressões culturais, através de uma organização espacial específica. Para Lefebvre (2006), a permanência de relações sociais se dá por intermédio de uma determinada organização espacial, para tanto, para que haja alguma mudança nessas relações, se faz necessário alterar seu espaço social, ou mesmo sua condição socioespacial.

Assim como as relações de parentesco foram fundamentais na constituição de bairros, compondo também as relações da sociabilidade caipira, essa constituição territorial continuou predominante na composição do bairro, sendo refletida na manutenção das manifestações culturais do catolicismo popular.

Para Queiroz (1973) e Fukui (1979), as festividades que envolvem o bairro como a Festa de Santos Reis, a Festa de São João, as romarias a capela de São Sebastião em Ibiúna-SP e as viagens com destino à Aparecida do Norte para cumprir promessas, figuram como fatores de coesão grupal, imprimindo uma marca do mundo vivido no espaço. A proximidade de habitações familiares no bairro dos Camargos, consegue dar sequência a antigas relações que conferiram outrora, uma identidade para a comunidade identificada com a cultura caipira.

A partir dessas considerações, o bairro tem um papel importante nessa análise, pois estão presentes formas de resistência na dimensão do lugar, da afirmação de identidade, profundamente envolto em mudanças econômicas e integração regional, e, ainda assim, “[...] a densidade cultural do bairro insiste em permanecer [...] suportando as separações impostas pela mobilidade ‘natural’ do trabalho” (SEABRA, 2003, p. 53). O bairro apresenta o espelhamento do mundo vivido: as condições espaciais revelam a vida social, pois cada bairro guarda em si uma configuração e uma história singular.



A produção de territorialidades a partir das relações no interior do bairro se destaca como um recurso de identificação de determinado grupo, sendo, portanto, um importante mediador entre a identidade dos sujeitos e o seu lugar, à medida em que a apropriação do território permite a vazão de anseios e a expressão do mundo vivido. O território, ao abranger as dinâmicas espaciais vinculadas a relações de poder, pode revelar no plano simbólico e intangível, as disputas pelo domínio do espaço através das manifestações culturais que esboçam outros usos do espaço almejado pelos grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a historicidade do município de Juitiba e da formação de bairros rurais envoltos em uma área de abrangência do antigo cinturão caipira no Estado de São Paulo, é possível notar nos dias atuais, permanências de relações sociais advindas de um modo de vida anterior, que se renova perante a integração da comunidade estruturada em relações de parentesco na caracterização do bairro.

Embora o processo de modernização tenha alterado profundamente a estrutura social e as atividades econômicas, a seletividade de infraestrutura urbana em áreas rurais protegidas, impede a racionalização do espaço pela expansão da urbanização. Nestes termos, encontramos diferentes ritmos de tempos históricos que coexistem no mesmo espaço, refletindo diferentes territorialidades sobrepostas e justapostas, conferindo uma especificidade nos embates pela permanência nessas áreas.

À medida em que há uma revalorização desses espaços devido a sua condição “natural”, há uma dinâmica que se expande para essas áreas com o avanço do setor de serviços e comércios. Em um processo contraditório, a possibilidade de permanência permite que a interação na comunidade se fortaleça na expressividade cultural religiosa na vida de bairro como uma forma de encontro e resistência. O bairro rural se configura, portanto, como uma unidade socioespacial que contribui para a continuidade de alguns elementos provenientes da cultura caipira.

Conforme há uma predominante ruralidade no município de Juitiba, é evidente a produção de territorialidades nas manifestações da cultura popular, sendo uma delas a Festa de Santos Reis, que se configura em um momento de vazão das necessidades do grupo ao renovar o simbolismo presente na festa, como também aponta para um caráter político nas lutas pela utilização do espaço pelo seu valor de uso.



Encontramos no bairro dos Camargos, e possivelmente em outros bairros rurais, uma resistência através da reunião em comunidade que expressa, entre outras práticas cotidianas, aquelas culturais produtoras de espacialidades em constante territorialização. Os atributos que configuram o bairro rural, tais como o sentimento de pertencimento, a prestação de auxílio mútuo e os momentos de reunião para as atividades religiosas, revelam uma diversidade de temporalidades, ou de tempos-espacos coexistindo, expressando as necessidades e anseios desses grupos na apropriação do espaço.

REFERÊNCIAS

- BOSI, E. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 47, p. 198-211, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9910>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- BRANDÃO, C. R. **No Rancho Fundo**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2010.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- FUKUI, L. F. G. **Sertão e Bairro rural**. São Paulo: Ática, 1979.
- GARCÍA CANCLINI, N. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. 4. ed. Barcelona: Ediciones península, 1978.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: Início – fev. 2006.
- MARCELINO, D. C. O bairro rural dos Camargos em Jquitiba-SP: permanências culturais do lugar. In: MARIANO, N. F. (Org.). **Geografia e cultura**: olhares, diálogos, resistências e contradições. 1. ed. São Paulo: E-Manuscrito, 2020, v. 1, p. 83-99.
- MARIANO, N. F. **Fogão de lenha, chapéu de palha**: Jauenses herdeiros da rusticidade no processo de modernização. 2001. 273 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- PADILHA, F. M. **Bairros rurais paulistas**: novas territorialidades - o município de Leme (SP). 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2009.



PETRONE, P. **Aldeamentos paulistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

QUEIROZ, M. I. P. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural - cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

SÃO PAULO. **Lei n. 898, 18 de dezembro de 1975**. Disciplina o uso do solo para proteção dos mananciais, cursos e reservatórios de água e demais recursos hídricos de interesse da Região Metropolitana da Grande São Paulo. Diário Oficial do Estado: seção I, São Paulo, SP, ano 85, n. 245, p. 1-2, 19 dez. 1975. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1975/original-lei-898-18.12.1975.html>. Acesso em: 4 out. 2020.

SÃO PAULO. **Lei n. 1.172, 17 de novembro de 1976**. Delimita as áreas de proteção relativas aos mananciais, cursos e reservatórios de água, a que se refere o Artigo 2.º da Lei n. 898, de 18 de dezembro de 1975, estabelece normas de restrição de uso do solo em tais áreas e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado: seção I, São Paulo, SP, ano 86, n. 218, p. 2-3, 18 nov. 1976. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1976/original-lei-1172-17.11.1976.html>. Acesso em: 5 out. 2020.

SEABRA, O. C. L. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003. 397 f. Tese (Livre-Docência em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.